

CARTA DO
LIBANO

TRIBUTO

RIAD GATTAZ CURY

YOUSSEF KAYED
EL-JAMAL

SOLIDARIEDADE

Rotary promove
projeto de auxílio
para a crise que agora
coloca em risco a
educação no Líbano

**“ADEMÃ
A VIDA E AS NOTAS
DE IBRAHIM SUED”**

DOCUMENTÁRIO SOBRE A TRAJETÓRIA
DO JORNALISTA CARIOCA QUE
REVOLUCIONOU O COLUNISMO SOCIAL



Telefone (12) 3663-3887 **WhatsApp** (12) 3663-3577 www.nacionalinn.com.br
reservas@nacionalinncampos.com.br

**SOLICITE SUA RESERVA DIRETAMENTE COM O HOTEL
E GARANTA TARIFAS ESPECIAIS!**



Telefone (12) 3662-5950 **WhatsApp** (12) 3663-4338 www.nacionalinn.com.br
reservas1@castelonacionalinn.com.br

CARTA DO LÍBANO

CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
ROSE LANE CÉSAR

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE
TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
IBRAHIM SUED
FOTO
AGÊNCIA O GLOBO

ELES FIZERAM A DIFERENÇA

O momento no Brasil é de esperanças renovadas e fé no futuro. Por isso, esta edição coloca em foco a vida e a obra de personagens que marcaram presença entre nós e deixaram um legado de grandes feitos para as próximas gerações.

É o caso do icônico jornalista Ibrahim Sued, tema de um documentário dirigido e produzido por sua filha, Isabel Perrin. Vimos o filme, que teve noite de estreia no Rio de Janeiro, e contamos um pouco dos bastidores. Além de um artigo lembrando o "turco" - como Ibrahim era conhecido pelos amigos - seu sucesso e suas histórias.

Celebramos também a memória de duas personalidades da comunidade libanesa que nos deixaram recentemente. O advogado Riad Gattaz Cury, o "doutor" Riad, que tocou a todos que o conheceram com a excelência de seu trabalho e a inabalável alegria de viver. E Youssef el-Jamal, com sua história de imigrante humilde a um dos maiores empresários do País.

É também motivo de comemoração e orgulho a iniciativa humanitária Luz Para o Futuro, do Rotary Club, em prol da educação no Líbano - um dos setores mais afetados pela atual crise política no país. E para Carlos Melles, presidente do Sebrae, o Homenageado do Ano na noite de premiação promovida pelo Grupo Bandeirante de Comunicação, em São Paulo.

Todos exemplos de perseverança e vontade de vencer.

Boa leitura!



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

SUMÁRIO

ANO 27 • NÚMERO 191 • 11.2022

CARTA DO LIBANO

06 | Cartas

08 | Filme: “Ademã - A vida e As Notas de Ibrahim Sued”

Isabel Sued Perrin passou mais de uma década trabalhando no documentário sobre a vida e a obra de seu pai, o colunista Ibrahim Sued. Agora o filme finalmente chega ao público. E merece um brinde

14 | Perfil: Ibrahim Sued

Mais do que vencer a pobreza, Ibrahim Sued superou provincianismos e preconceitos. Conquistou o Brasil apoiado em seu capital pessoal: inteligência, criatividade, elegância e muita habilidade para traduzir a sociedade local e a si mesmo

36 | Solidariedade

Rotary promove projeto de auxílio para a crise que agora coloca em risco a educação no Líbano

40 | Homenagem

Carlos Melles, presidente do Sebrae Nacional, é o Homenageado do Ano no evento do Grupo Bandeirantes de Comunicação dedicado às marcas mais admiradas do País

44 | Tributo

Riad Gattaz Cury: o doutor Riad fez fama tanto pela excelência profissional, como pela maneira leve e positiva de encarar a vida. Poucos meses depois de sua morte, família e amigos celebram seu legado generoso e inspirador

52 | Tributo

Youssef el-Jamal: morto no em 20 de novembro deste ano, o libanês chegou ao Brasil na década de 50, com apenas 18 dólares no bolso, mas cheio de sonhos e muita garra para vencer. E, em menos de duas décadas, tornou-se um dos mais bem-sucedidos empresários do País

58 | Depoimentos sobre Youssef el-Jamal

Gaitano Antonaccio
Américo Genzini
William Nicolau



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0186 • CONTA CORRENTE 09161-7

CARTAS

Prezado sr. Fouad Naime,

“Recebi agora a edição com a homenagem ao Roberto Duailibi

e quero cumprimentá-lo pela excelência da publicação, além do carinho demonstrado a um dos nossos maiores e mais generosos acadêmicos.

José Renato Nalini, presidente da Academia Paulista de Letras
São Paulo, SP

Caro Fouad,

“Obrigado pelos exemplares da Carta do Líbano!

Muito boa a edição em homenagem ao Roberto Duailibi, apesar de minha modesta participação. Abraços e parabéns!

Flávio Conti
São Paulo, SP



Fouad, bom dia!

“Recebi a revista. Ficou linda.

Que bela homenagem para o Roberto (Duailibi). Fico muito feliz de estar presente na edição. Muito obrigado pelo convite e espaço. Forte abraço.

Luiz Toledo
São Paulo, SP

Prezado Fouad Naime,

“Estou lhe enviando exemplar de “O Livro de Elias – Poema a Meu Pai”.

Sempre desejei escrever sobre ele, mas me faltava o fio da meada, que encontrei no depoimento de um senhor de 93 anos (Totonho Teixeira), que conheceu Elias Nabut (Edbil/Akkar, Líbano, março de 1910 – julho de 1976), ainda mascateando nas fazendas à margem do rio das Velhas (Araguari), nos anos de 1930. Daí o livro fluiu, a história se alinhavou, adicionada a tantos outros casos de mascates libaneses pelo Triângulo Mineiro.

Centrado na relação de filho/pai, arquiteta nos dias de hoje, pelo filho, através da prosa poética, “O Livro de Elias” é obra de diálogo, de ideias e de registro de comportamento, principalmente dos imigrantes. A instalação de estabelecimento comercial (venda), deu ao personagem palco de observação do mundo, mesmo que raramente revelado; o autor tenta extrair dele estas noções.

Na segunda parte de “O Livro de Elias” é dedicado a vários mascates, quase todos urbanos, em tempo menos remoto e que dá permanência da atividade que tanto marcou os primeiros tempos dos libaneses em solo brasileiro.

Lançada em Uberaba, em dezembro de 2021, a obra foi muito bem aceita pela sociedade local, onde é imenso o número de descendentes de sírios e libaneses.

A divulgação na Carta do Líbano poderá ampliar a projeção do livro. Para isso, conto com seu apoio.

Jorge Alberto Nabut, jornalista, poeta e historiador é autor de “Fragmentos Árabes”.
Uberaba, MG



A comunhão entre o fogo, os ingredientes, nossa técnica e preparo criam momentos inesquecíveis.

São Paulo
Rio de Janeiro
Brasília
Porto Alegre
Curitiba
Belo Horizonte
Recife
Goânia
Campinas
Aphaville


Pobre Juan



O homem e o mito: Já consagrado como o colunista mais influente do Brasil, Ibrahim Sued foi retratado por vários artistas e fotógrafos. Enquanto ele próprio realizava o retrato mais bem acabado da alta sociedade de seu tempo



Projeto em família: A diretora Isabel Sued Perrin com o marido François Perrin, ao lado de Alberto Sued Ramos, Rafael e Amanda Sued Perrin

UMA CHAMPANHOTA COM “O TURCO”

Isabel Sued Perrin passou mais de uma década trabalhando no documentário sobre a vida e a obra de seu pai, o colunista Ibrahim Sued. Agora o filme finalmente chega ao público. E merece um brinde

POR MARIO MENDES

FOTOS: ANDRÉ HORTA

“Ibrahim Sued foi o maior influencer do Brasil”. Quem faz a afirmação são dois grandes comunicadores, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, o todo poderoso da Rede Globo por três décadas, e Ricardo Amaral, o “rei da noite” durante os anos 1970 e 1980.

As falas estão registradas no documentário “Ademã - A vida e As Notas de Ibrahim Sued”, sobre a trajetória do jornalista carioca que revolucionou o colunismo social e foi um dos nomes mais populares da Comunicação no País. O filme, que teve uma gestação de mais de dez anos, é produzido pela filha de Ibrahim, Isabel Sued Perrin, que também dirigiu em parceria com Paulo Henrique Fontenelle, e tem coprodução da Beaucastel Filmes, Canal Brasil e Globonews.

“Ademã” teve avant première na edição deste ano do Festival de Gramado e finalmente estreou em circuito comercial em 16 de novembro último, com sessão no Estação Net Botafogo, no Rio de Janeiro. A noite reuniu família, amigos e admiradores do “Turco”, como Ibrahim era carinhosamente chamado



Prata da casa: na premiere de “Ademã”, Ana Lúcia Antunes com sua edição do Caderno do Brasil - publicação da Editora Carta do Líbano - dedicada ao “Turco”



As "panteras": Isabel Sued Perrin ao lado de Cristina Baran Alvarenga, Raquel Rezende, Márcia Müller, Ana Tereza Ernani, Ana Lucia Antunes, Ana Maria Tornaghi, Claudia Romano, Gisela Pitanguy Chamma e Roma Drumond.



Na estreia: (na frente) Pedro Tebyriça, Roma Drumond Tebyriça, Antônio Mello Alvarenga, Cristina Baran Alvarenga e (atrás) Paulo Romano



Isabel Sued Perrin entrevistada pelo Canal Brasil, um dos produtores do filme

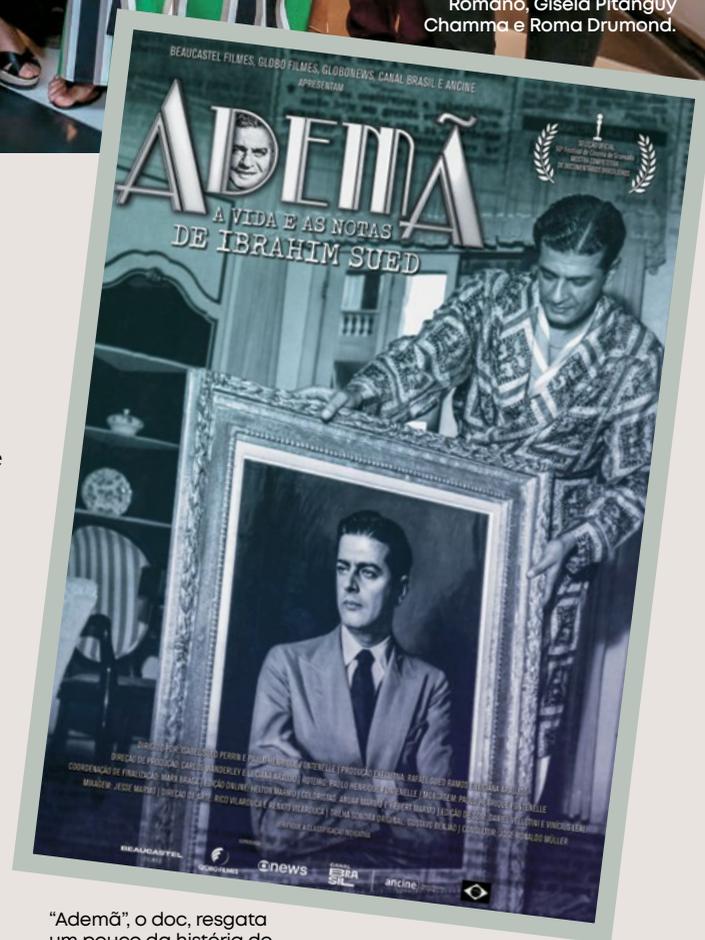


Assistir "Ademã - A Vida e As Notas de Ibrahim Sued" é reviver ou descobrir um Brasil mais otimista

pelos mais chegados. Como lembrança do evento, os convidados receberam o primeiro número da revista Caderno do Brasil - publicação da Editora Carta do Líbano - que teve o colunista como tema central.

Mais que um documento sobre uma das personalidades mais cintilantes da vida brasileira no século passado, o filme funciona como cápsula do tempo, relembrando os anos dourados da Cidade Maravilhosa. "O carioca ainda hoje sente saudades daquele Rio de Janeiro", observa a jornalista Patrícia Hargreaves, um dos entrevistados no doc e ex-assistente do colunista. Ibrahim, sem dúvida, teve papel decisivo na criação desse imaginário glamoroso, com sua crônica mundana diária cheia de personagens marcantes - "Teresas", "Dolores", "Carmens", "Didus" - termos e expressões que ficaram gravadas no idioma popular: "casal 20", "pantera", "champanhota", "cavalo não desce escada", "sorry, periferia" etc.

Isabel Sued Perrin - Bebel Sued, como era conhecida em sua juventude carioca - iniciou o projeto do filme em 2006, quando cursava a escola de jornalismo. Havia onze anos desde a morte do



"Ademã", o doc, resgata um pouco da história do Brasil e apresenta Ibrahim Sued para uma nova geração

seu pai e a ideia era não só homenagear a memória dele como apresentá-lo a uma geração que não o conhecia. Como ela mesma conta no filme - é a voz dela na narração que percorre o doc - tudo começou com entrevistas registradas em um antigo gravador cassete. Aos poucos, mais entrevistados, colaboradores, apoiadores e simpatizantes se engajaram no projeto e o filme aconteceu. Claro que houve dificuldades, idas e vindas no percurso, mas a produtora e diretora - que hoje vive na França - se mostrou perseverante e a obra chegou ao público.

Assistir "Ademã - A Vida e As Notas de Ibrahim Sued" é reviver ou descobrir um Brasil mais otimista, ao mesmo tempo e ingênuo e malandro, cheio de ginga e bom humor, com altas doses de charme, luxo e boêmia. Além de muita informação e deliciosas histórias de bastidores. Por exemplo, ficamos sabendo que o "turco" quase se casou com a americana Elaine Stewart, atriz de Hollywood. Brigou feio com o patrão, o poderoso Roberto Marinho, e demitiu-se, para tempos depois ser chamado de volta pelo mesmo para reinar novamente nas páginas de "O Globo". Ou, para espanto de uma sociedade conservadora e preconceituosa, colocou em sua lista dos Dez Mais Elegantes, Ataulfo Alves, compositor, sambista e cantor negro. Como o Ibrahim gostava de provocar: "De leve..."



Em vários momentos vemos Ibrahim em seu habitat, sendo entrevistado por um grupo de amigos e jornalistas em um programa de TV, respondendo tudo de bate pronto, sem papas na língua, perdendo a paciência em alguns momentos - quando insistem sobre seus tão falados “erros de português” - e, em outros, surfando no bom humor e no joie de vivre que eram sua marca registrada. Temos também a oportunidade de vê-lo em ação, entrevistando personalidades de época, como o compositor e humorista Juca Chaves, o playboy Chiquinho Scarpa, a cantora e jurada Aracy de Almeida e a sex symbol Sônia Braga. Além de depoimentos de muitos que já se foram, falando sobre o amigo Ibrahim: a ex-miss Brasil Adalgisa Colombo Teruskin, o ator egípcio Omar Sharif, o estilista francês Pierre Cardin, a jornalista Ana Maria Ramalho e o ex-assistente do colunista, o jornalista Ricardo Boechat.

Em um registro mais pessoal e afetivo, o filme é uma declaração de amor de filha e uma reflexão sobre a dor e a delícia de ter um pai do tamanho de Ibrahim Sued. No final, a última palavra é dele, claro: “Em sociedade tudo se sabe”. ■

Geração “pão com cocada”:
Isabel com os filhos, Alberto,
Bernardo e Rafael Sued
Ramos, netos de Ibrahim

Em um registro mais pessoal e afetivo, o filme é uma declaração de amor de filha e uma reflexão



Equipe comprometida com você para a entrega das melhores soluções

Acreditamos que o mundo jurídico não precisa ser algo intimidador. Aqui você será atendido por uma equipe acolhedora e comprometida em solucionar sua demanda.

DIFERENCIAIS

ATENDIMENTO PERSONALIZADO

Conhecemos nossos clientes pelo nome e sabemos quais são suas necessidades. Acolhemos você de forma personalizada e exclusiva.

ESCRITÓRIO FULL SERVICE

Equipe multidisciplinar e atuação integrada para resolver sua demanda com excelência.

SATISFAÇÃO E CONFIANÇA

Sabia que cerca de 60% dos nossos clientes chegaram por recomendação de outros clientes? A sua satisfação é o nosso maior reconhecimento.

ÁREAS DE ATUAÇÃO

- Assuntos regulatórios
- Previdenciário e Trabalhista
- Direito do Terceiro Setor
- Direito Imobiliário
- Família e Sucessões
- Direito do Consumidor
- Direito Civil
- Empresarial e Societário



Acesse nosso site e saiba mais
vscgestao.com.br

PRINCIPAIS SERVIÇOS

ASSUNTOS REGULATÓRIOS

Atuação junto à ANVISA e MAPA para habilitação de empresas e produtos sob anuência regulatória. Indústrias, Importadoras, Distribuidoras, Operadores Logísticos e Transportadoras.

DIREITO PREVIDENCIÁRIO

Procedimentos administrativos ou ações judiciais para concessão, manutenção e revisão de benefícios. Além de planejamento, pareceres e palestras sobre Direito Previdenciário.

DIREITO TRABALHISTA

Tudo relacionado ao Direito do Trabalho, como reconhecimento de vínculo, horas extras, equiparação, acúmulo de função, danos morais, acidente de trabalho, entre outros.

DIREITO DO CONSUMIDOR

Com foco em Planos de Saúde e Seguro de Saúde, como fornecimento de Medicamento de alto Custo, aprovação de cirurgias e procedimentos, aprovação de exames, entre outros.

EMPRESARIAL I SOCIETÁRIO

Elaboração de documentos societários em geral, representação dos sócios ou acionistas em disputas societárias, assessoria em operações, redação de contratos, entre outros.



PERFIL

BOMBA, BOMBA, BOMBA!

A CRÔNICA SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE AUTORREVELAÇÃO

Mais do que vencer a pobreza, IBRAHIM SUED superou provincianismos e preconceitos. Conquistou o Brasil apoiado em seu capital pessoal: inteligência, criatividade, elegância e muita habilidade para traduzir a sociedade local e a si mesmo

FOTOS: ARQUIVO



Voando alto: Antes do sucesso e dos bons negócios, existiu o abandono paterno, uma infância difícil e os primeiros trabalhos como office-boy, entregador de pizza e de jornais

Ibrahim Sued nasceu no dia 23 de junho, em 1924, na Tijuca, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A família tinha, então, um padrão alto de vida, mantido por duas charutarias. Todos estavam instalados em pleno centro carioca, até que o patriarca, Ahmed Sued, abandonou a esposa Maria Badauy e os quatro filhos para voltar ao Líbano com uma vedete, por quem se apaixonou.

A família mergulhou na pobreza. Aos onze anos, Alzira, a filha mais velha, tornou-se arrimo de família e trabalhava durante o dia e à noite em um cinema, como “lanterninha” - a pessoa que indicava lugares vagos aos espectadores. O abandono do pai causou nos filhos um trauma e uma mágoa ainda mais profundos porque a mãe, ainda jovem e muito abalada com a situação, adoeceu e morreu de tuberculose. Ibrahim, o filho caçula, tinha oito anos e foi morar com a avó.

A família enfrentou grandes dificuldades e Ibrahim começou a trabalhar cedo como office-boy, entregador de uma sapataria e jornalista. Estudou apenas até a segunda série ginásial - hoje o equivalente ao sexto ano. Dos quatro irmãos, ele foi o único a manter o nome libanês. Nazira passou

a se chamar Alzira, Mustafá mudou para Alberto e Keder virou Jorge.

Alzira foi a única a restabelecer o contato com o pai, quando ele voltou do Líbano, casado e com outros cinco filhos. Ahmed se instalou em Nilópolis, no subúrbio, e tinha consciência do preço a pagar pela escolha de abandonar a família. Ele chegou a tentar uma reaproximação, quando já estavam todos adultos e estabelecidos, ele tentou se aproximar. Porém, Ibrahim nunca recebeu o pai. Ele contou que sua conversa com Ahmed, por telefone, não durou mais que três minutos. Concordeu apenas em pagar uma passagem de ida para que o pai voltasse ao Líbano.

Ibrahim era mesmo apegado e manteve uma forte proximidade com Alzira, a quem considerava como mãe. Por amor e gratidão a ela, arcou com os estudos dos sobrinhos e pagou pela festa de casamento da sobrinha Neusa. Ele sempre foi muito generoso e atento às necessidades da família.

SEM MANTEIGA E SEM CONVITE

O início no jornalismo aconteceu porque Ibrahim costumava acompanhar o irmão no trabalho. Alberto era fotógrafo de jornal e, quando recebeu uma proposta para trabalhar em Paris, deixou Ibrahim como freelancer na área. O rapaz dava plantão nas redações entre sete da noite e sete da manhã.

Dois episódios retratam bem os “perrengues” vividos pelo jovem Ibrahim Sued em começo de carreira. A remuneração de fotógrafo era minguada a ponto de permitir somente um pacote solitário de macarrão na cozinha. Certa vez, para conseguir temperar o prato ele precisou pedir manteiga em uma padaria da vizinhança, a pretexto de que o ingrediente seria utilizado como remédio para aliviar a dor de uma queimadura.

Ibrahim tentou então emprego no Ministério da Educação, mas teve o pedido negado. Foi quando entrou para o Clube dos Cafajestes, grupo formado por jovens da burguesia carioca - entre eles o jogador de futebol Heleno de Freitas, o herdeiro Jorginho Guinle, o príncipe dom João de Orleans e Bragança e o jornalista Sérgio Porto, mais tarde famoso como o cronista Stanislau Ponte preta - que armavam e se metiam em confusões.



Sempre ao lado do poder: Ibrahim começou fotógrafo, tinha visão afiada para clicar a notícia. Aqui, de olho no então presidente João Goulart

A família enfrentou grandes dificuldades e Ibrahim começou a trabalhar cedo como office-boy



Com a benção do herói: Em visita ao Brasil, o general americano Eisenhower - herói da Segunda Guerra - recebeu um "beija mão" do político baiano Otávio Mangabeira. O "turco", ainda principiante, era o único fotógrafo presente. A imagem provocou crise no Congresso Nacional e o resto é história... do Ibrahim. Ao lado, a coluna "Zum-Zum", na revista "Vanguarda", em 1951, a estreia do "maior influencer do Brasil"

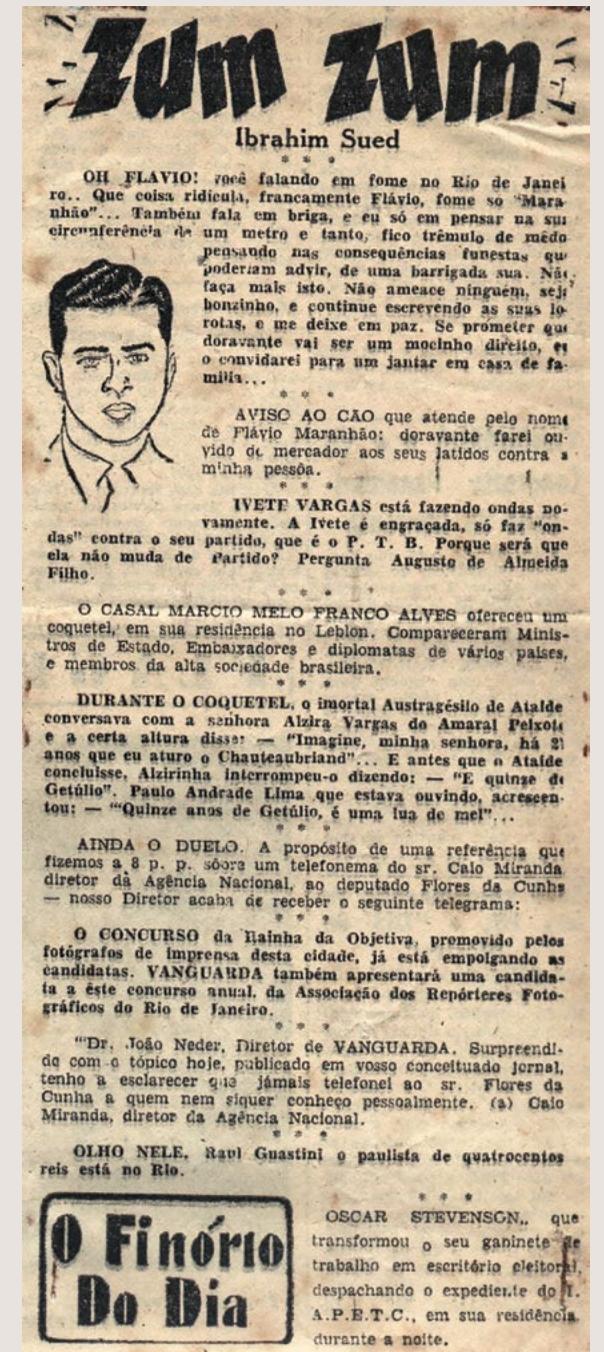
A primeira coluna do Ibrahim, batizada Zum-Zum, começou a ser publicada em 1951 no jornal "A Vanguarda"

Em uma dessas ocasiões, o mais conhecido, aplaudido e agressivo playboy brasileiro, Baby Pignatari, tentou barrar o acesso de Ibrahim em uma festa. "Quem te convidou? Eu não te convidei", hostilizou o ricoço. Os amigos acabaram salvando a situação, mas o episódio ficou marcado: "Naquele momento, eu jurei para mim mesmo que nunca mais ninguém ousaria me barrar em festa nenhuma", vaticinou Ibrahim.

A percepção apurada para o que seria notícia começava a se manifestar e Ibrahim decidiu levar a carreira jornalística a sério. Durante um evento de grande vulto, a visita do general americano Dwight Eisenhower, ex-comandante das Forças Aliadas na Europa durante a Guerra, muitos fotógrafos estavam presentes no Palácio Tiradentes. Mas o garotão desengonçado de olhos verdes foi o único a registrar o momento em que o político baiano Otávio Mangabeira beijou a mão do futuro presidente dos Estados Unidos. Além da subserviência brasileira ao país estrangeiro, o instantâneo revelou a presença de espírito e o senso de oportunidade que, mais tarde, destacariam o trabalho de Sued dos demais profissionais da imprensa, atuando em veículos como "Folha Carioca", revista "Diretrizes" - de Joel Silveira- "Gazeta de Notícias" e "Diário Carioca".

UM FILÓSOFO "BAIXINHO E VESGO"

A primeira coluna do Ibrahim, batizada Zum-Zum, começou a ser publicada em 1951 no jornal "A Vanguarda". O estilo se tornaria famoso e faria escola já estava lá: notícias da vida política nacional, em notas curtas. A linguagem era franca e objetiva com termos e expressões criados por ele. Depois de percorrer diversos caminhos, fotografar muito e coletar informações para outros jornalistas, Hélio Fernandes, diretor da então recém-lançada revista "Manchete", ofereceu trabalho jornalístico



deveria se submeter a um protocolo de avaliação e aprovação. Isso acontecia - e ainda acontece - sobretudo no célebre Country Club, que Ibrahim chamava de “o clube mais fechado do Brasil”. Como frequentador esporádico do lugar - devido à profissão - ele candidatou-se a sócio. Já sabendo que não poderia receber mais de duas recusas dos integrantes do conselho, que manifestavam os votos por meio de bolas brancas (a favor) e bolas pretas (contra). Ibrahim foi reprovado com três bolas pretas, mas deu o troco. A partir do dia seguinte da reprovação, passou a utilizar as expressões “bola branca” e “bola preta” para aprovar ou criticar personalidades, festas, modismos, espetáculos e até medidas do governo.

Da mesma forma que a sociedade, os jornalistas da época também se revelavam conservadores, puristas ou francamente preconceituosos. Muitos tentavam constranger e acusar Ibrahim pelos erros ortográficos cometidos, alegando que ele não sabia escrever. Um grupo procurou desmoralizá-lo a partir do uso de um provérbio árabe: “Os cães ladram e a caravana passa”. Além de processar os coleguinhas, Ibrahim passou a usar o velho ditado de acordo com o clima da notícia ou de seu humor. Escreveu, “Os cães ladram e a caravana

Muitos
tentavam
constranger e
acusar Ibrahim
pelos erros
ortográficos
cometidos

esquia”, quando viajou de férias com a família para a Suíça. Com o passar dos anos, a caravana do Ibrahim “dançou”, “recebeu prêmios”, “voou para uma festa europeia” etc. Aos cães só cabia mesmo latir, enquanto o colunista conquistava o mundo, trabalhando com inteligência e irreverência. “De Turco a Cavaleiro da Legion d’Honneur”, gostava de lembrar - lembrando de ter recebido a mais alta comenda do governo francês.

A GLAMOUR GIRL E A CENSURA

Assim como os bons vinhos, a fórmula de seu colunismo social foi se apurando. Ibrahim alternava doses de comentários sobre a alta sociedade, as celebridades da época, o agito, as festas e os bailes de gala - o “café society”, como ele chamava - com notícias e furos de reportagem sobre política, economia e assuntos de repercussão internacional. Foi ele quem publicou sobre o desfalque de US\$ 3 milhões ocorrido no Banco do Brasil para financiar ações do MR-8, organização política de extrema esquerda engajada na luta armada contra a ditadura civil-militar instaurada no País em 1964. Assim como era o primeiro a informar sobre um casamento “caixa alta”, uma separação litigiosa, a fusão de empresas poderosas ou a venda de um empreendimento imobiliário milionário.

O trabalho expunha Ibrahim a pessoas e situações de todos os tipos. No livro “30 Anos de Reportagem”, relata: “É difícil imaginar o volume de pressões e tentações que eu sofria quando organizava as listas de candidatas às festas de Glamour Girl. Uma das mais chocantes e constrangedoras me aconteceu num dia em que eu estava sozinho, trabalhando no meu escritório, quando tocou a campainha. Abri a porta, me lembro como hoje, com a mais absoluta distração, e dei na minha frente com uma senhora muito conhecida, belíssima, que me pediu licença para entrar e depois que eu dei passagem ela mesmo trançou a porta a chave. Aquilo já me deixou com todos os sentidos aguçados. Todos. Ela se sentou, respirando forte, e ficou em silêncio por alguns segundos. Abriu a bolsa, puxou um cigarro e teve que acender ela mesma, porque eu, em pé, não tive nem mesmo o impulso elementar de levar o



Café society: Ibrahim com a Glamour Girl, Ildé Garavaglia - hoje Ildé Lacerda Soares, grande dama da sociedade paulistana, da lista das Dez Mais Elegantes

Ibrahim identificava fatos, gerava notícias e fazia da sua coluna uma ponte entre as grandes festas e eventos

isqueiro aceso para perto dela. Puxou uma tragada profunda e disse: - Ibrahim, eu quero que minha filha seja 'Glamour Girl'. É o que eu mais desejo no mundo e eu faço por isso qualquer coisa. Ficamos em silêncio, um olhando para o outro, durante alguns segundos. Eu senti que fervia e ela notou. Ela tinha bem menos que 40 anos e viço de 20. E - Só aí eu reparei - usava uma blusa de musseline transparente, sem nada embaixo. O que vou contar me envergonha um pouco perante meus ancestrais fenícios..."

A mulher saiu intocada do escritório. A filha não foi "Glamour Girl" porque para a escolha das ganhadoras, assim como dos nomes nas listas de "Mais Elegantes", Ibrahim mantinha seu padrão - apesar das pressões, pedidos e sugestões. Mas os bailes e listas eram tantos que o colunista encerrou estes trabalhos. E ninguém mais os retomou.

Além da crônica social, Ibrahim identificava fatos, gerava notícias e fazia da sua coluna uma ponte entre as grandes festas e eventos, como o baile "Glamour Girl" e o "Baile das Debutantes". Apresentava personagens em grandes entrevistas exclusivas, como as que fez com a princesa Grace de Mônaco ou com o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy.

Ele sabia avaliar com cautela oportunidades, riscos e consequências. Em 1968, o Intrabank quebrou no Líbano, deixando seu patrício Joseph Beidas falido. No Brasil, houve quem lucrasse com a situação. E um amigo pediu que Ibrahim noticiasse o aumento de capital de uma instituição financeira associada a Beidas. Ibrahim negou, preservando Beidas. O amigo insistiu. Ibrahim novamente se desculpou e, na terceira tentativa, encerrou a história diplomaticamente: "Não se aborreça comigo, mas uma agência de publicidade está oferecendo dinheiro na praça para que se publique

notícia. Se eu a publicar, apesar de verdadeira, até você, que a está a pedindo, acabará acreditando que a oferta chegou a mim e eu a aceitei".

Foram muitos os furos de reportagem, como quando antecipou a nomeação de Antônio Delfim Netto para o Ministério da Fazenda do governo Costa e Silva. Em 1969, entrevistado pelo polêmico "O Pasquim", anunciou que Emílio Garrastazu Médici seria o sucessor do general Costa e Silva na Presidência da República. Ao mesmo tempo, registrava fatos da vida cotidiana. "Roberto Marinho me deu um conselho definitivo: Ibrahim, nunca deixe de ser repórter!", contava com muito orgulho.

"O GUIMARÃES ROSA DO JORNALISMO"

Afinal, a vida cotidiana ganhava contornos singulares nas palavras que Ibrahim Sued utilizava no texto moderno, estruturado em notas curtas, escrito com descontração, matizado por expressões pitorescas e neologismos. Da "champanhota" ao "ademã, que eu vou em frente", suas frases eram coquetéis saborosos com ingredientes diferentes que logo viraram moda. Ibrahim inovou o trabalho de colunista social. O vocabulário estrategicamente informal - com jargões dos malandros, do futebol, da boa vida - o aproximava do leitor, do público interessado em consumir a informação que ele produzia. "Eu sou precursor nessa mudança (e em outras) da nossa língua. E sou porque me considero dono das minhas crases e das minhas vírgulas. Eu sou o Guimarães Rosa do jornalismo. Criei!", declarava sem falsa modéstia.

É curioso notar que os termos e expressões criados por Ibrahim Sued ficaram tão impregnados na cultura popular brasileira que, nos anos 1970, serviram até como títulos nacionais de duas séries americanas de sucesso na TV. "Charlie's Angels",



Gigi, eu chego lá": Com a rainha Elizabeth 2ª, durante visita ao Brasil, em 1968. Ao lado das senhoras Ligia Machado e Magalhães Pinto

Ibrahim apurava e tratava as notícias com respeito, preservava suas fontes. Falava com quem queria e quando queria

o trio de policiais femininas que semanalmente enfrentavam perigosos malfeitores, virou “As Panteras” por conta da maneira como ele chamava belas mulheres em sua coluna. Enquanto “Heart to Heart” é lembrado até hoje como “Casal 20”, por ser estrelado por um marido e uma mulher que poderiam ter saído das listas dos Dez Mais Elegantes.

Entretanto, a criatividade de Ibrahim Sued não era inconsequente. Antes de ser divulgado e absorvido pelo vocabulário popular, cada termo, cada expressão espontânea do jornalista era devidamente submetida à avaliação do filólogo e dicionarista Antônio Houaiss. E Ibrahim Sued tinha plena consciência de sua contribuição linguística para o português brasileiro. Por isso se autointitulava “imortal sem fardão”, referência à Academia Brasileira de Letras (ABL). “Os erros de português que eu cometia no começo da coluna eram naturalmente involuntários. Eu confesso que me incomodava um pouco com eles. Mas isso durou até o momento em que eu passei a refletir sobre a natureza do meu sucesso como jornalista. Eu me perguntava: será a disposição para o trabalho? Milhares e milhares se dedicam com fervor às suas tarefas sem que se consiga saber o seu nome. Por acaso o aspecto físico? A praia de Ipanema está apinhada de anônimos apolos e vênus. Até que me dei conta de que aqueles tropeços iniciais tinham-se convertido numa característica, naquilo que chamo de meu estilo”, explicou.

Foi o mais lido, comentado e poderoso colunista social. Em 1963, Ibrahim Sued deixou o jornal “O Globo”. A convite do outro barão das comunicações, Assis Chateaubriand, passou a escrever para “O Jornal” e para a revista “O Cruzeiro”, além de se tornar apresentador na TV Tupi. No ano seguinte, lançou o programa “Ibrahim Sued Repórter”, mantido no ar até 1974.

Seu programa televisivo foi alvo de censura, em 1969, e retirado do ar por alguns minutos depois dele ter noticiado sobre a doença do presidente Costa e Silva, que as autoridades procuravam manter em sigilo. Ele então criou em sua coluna a expressão “Não me mandem canetas!”, para protestar contra a censura prévia imposta pouco tempo antes pelo Ato Institucional N° 5.

“REPÓRTER, SEMPRE!”

Apesar do personagem exuberante que cultivou a vida inteira, Ibrahim Sued era discreto. Apurava e tratava as notícias com respeito, preservava suas fontes. Falava com quem queria e quando queria. Há suspeitas de que sabia muito mais



“Colunista dos anos dourados”: (ao lado) A foto de 1972, acompanhado das panteras - Sílvia Amélia de Waldner, Teresa Sousa Campos, Alicinha Silveira, Tônia Carrero e Ilde Lacerda Soares - foi a capa da revista “Manchete” para marcar o adeus ao colunista, em 1995. E o apresentador de TV, na extinta Tupi, que chegou a incomodar Brasília durante a ditadura



20 anos de caviar & champanhota: O poder compareceu em peso à noite de autógrafos do primeiro livro de Ibrahím, no Copacabana Palace. (no alto) O presidente Juscelino e dona Sarah Kubitschek. (acima) O jornalista Roberto Marinho com a primeira esposa, Ruth

do que escrevia. Porém nunca se gabou desse conhecimento. Ao contrário, era cautelosamente estratégico para ocultá-lo. Em entrevista à revista “Manchete”, declarou: “Quero a notícia em primeiro lugar, antes de qualquer coisa. Qual foi o sucesso de meu programa na ‘Globo’, que dava 40 de Ibope? Era a notícia, a notícia. E isso devo dizer que aprendi com Roberto Marinho. Um dia, fui a um banquete de casaca, para um desses presidentes que chegava e tirei do bolso minha caneta e meu papelzinho e comecei a tomar nota. O pessoal começou a olhar para mim, era contra o protocolo. Mas ali estava o repórter e não um simples convidado. Repórter, sempre!”.

Sua biografia registra a objetividade, o jeito atabalhoado de se expressar e o desapego da pretensão de demonstrar conhecimento. A experiência de uma viagem que o levou a Moscou, por exemplo, deu origem a uma situação de embate primeiro com o chefe Assis Chateaubriand e depois com os críticos de plantão. “Fui para Moscou para voltar comunista, voltei desiludido. É uma ditadura das mais violentas, onde só existe um partido, só a cúpula manda, onde só há dois jornais, um do Partido Comunista, outro do governo, uma televisão e uma rádio, que contam para o povo o que eles querem. Entretanto, numa democracia, quando o dono do jornal, da revista, da rádio ou da televisão não quer que você dê sua opinião, você tem o direito de pedir seu boné e escrever um livro, por exemplo. Foi o que eu fiz em ‘O Cruzeiro’, quando o Chateaubriand não publicou minha reportagem sobre a Rússia. Por que ele não quis? Não sei. Só sei que foi ele quem determinou”, revelou à Manchete.

Em 1965, Ibrahím tinha transformado a reportagem em livro, cujos originais enviou à editora. E informou em sua coluna que ainda não tinha título para a obra. Ao ler a nota, o jornalista José Carlos de Oliveira, o Carlinhos de Oliveira - conhecido crítico de Ibrahím - provocativamente sugeriu que o livro se chamasse “000 Contra Moscou”, parodiando o título de uma das aventuras de James Bond: “Moscou Contra 007”. Para surpresa de todos, Ibrahím acatou a sugestão e o livro foi um sucesso de vendas, a partir do título bem-humorado. Ele sabia como irritar os inimigos e

confirmar o seu “Su” - abreviação de sucesso que costumava usar na coluna.

MUITOS ANOS DE CAVIAR

Ibrahím Sued entrou para o “Guinness Book”, o livro dos recordes, por ter escrito mais de 15 mil colunas - um registro colorido da transformação do Rio de Janeiro de capital do Brasil a balneário internacional. Era um apaixonado pela cidade e tornou-se personagem da história carioca, em uma era de charme e glamour. Entre 1965 e 1986, publicou sete livros e ainda se arriscou como produtor teatral - levou ao palco a versão brasileira do musical da Broadway, My Fair Lady, estrelado pela atriz Bibi Ferreira.

No livro “30 Anos de Reportagem”, Ibrahím registrou sua percepção atenta aos movimentos e relações de sua época. “Dolores Guinle (americana de nascimento, com sobrenome Sherwood em solteira) recebia primorosamente. Passado um tempo, Carlinhos Guinle, irmão de Jorge (Jorginho Guinle, marido de Dolores), casou-se com Irene, nascida Arbib, egípcia requintadamente educada em Londres, elegante e também esplêndida hostess. O Rio parecia uma cidade pequena para ser ocupada pelas duas ao mesmo tempo. Até

**Ibrahím Sued
entrou para o
‘Guinness Book’,
o livro dos
recordes, por ter
escrito mais de
15 mil colunas**

Em 1983, quando completou 30 anos de carreira, “O Globo” lançou o caderno especial com o título “Uma Vida de Repórter”

que um dia, Dolores, com a sua mordacidade, perguntou num grupo: ‘Irene, por que você usa sotaque oxfordiano para falar português?’ E Irene, de baquetada: ‘Porque eu não sei imitar o sotaque de Brooklyn’. O Brooklyn é um dos bairros mais pobres de Nova York e aquele breve diálogo pôs fim às relações das concunhadas. Nunca mais se falaram”.

Solidariedade, generosidade e espontaneidade davam uma grandiosidade às atitudes de Ibrahim. Em 1971, depois de autografar quase três mil exemplares do livro “20 anos de Caviar”, no Copacabana Palace, o escritor fez a contabilidade. Entregou os cheques a uma funcionária da editora. Pegou as notas e uma pilha de livros e presenteou cada um dos garçons que serviram na noite com um livro autografado e uma polpuda gorjeta em dinheiro vivo. A distribuição se estendeu para os guardadores de carros, da avenida Atlântica até a praça General Osório. Naquela noite, Ibrahim distribuiu mais de meio milhão de cruzeiros porque acreditava que o dinheiro tinha que circular para voltar para ele.

A carreira lhe rendeu patrimônio financeiro e prestígio. Seu trabalho influenciou profissionais e colaboradores como Ancelmo Gois, Ricardo Boechat, Fernando Carlos de Andrade, João Bosco Serra e Gurgel, Nilo Dante, Renato Sergio, Gildávio Ribeiro, Aníbal Ribeiro, dona Maria das Dores Ribeiro de Figueiredo e Castro e Elio Gaspari.

Em 1983, quando completou 30 anos de carreira, “O Globo” lançou o caderno especial com o título “Uma Vida de Repórter”. A festa comemorativa foi grandiosa e levou 1.500 convidados, fogos de artifício e passistas de escola de samba ao Copacabana Palace.

O trabalho rendeu também muita popularidade, carinho e reconhecimento à linguagem descolada

do jornalista. No Carnaval de 1985, o Turco foi homenageado pela escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz, com o enredo “Ibrahim, de leve que eu chego lá” – título que combina duas das expressões que o colunista criou. “Eu também fui pobre, daí a simpatia pela minha figura”, contava Ibrahim sobre a própria trajetória.

Em 1993, Ibrahim deixou o jornalismo diário. Mas manteve uma coluna dominical em “O Globo”. Pela Faculdade da Cidade do Rio de Janeiro, em 1994, recebeu o título de Professor Emérito do Curso de Jornalismo. Mais um “su-sucesso”! O evento reuniu representantes da sociedade, políticos, músicos e intelectuais. Recebeu de Tancredo Neves, então governador de Minas Gerais, a Medalha Santos Dumont da Ordem do Mérito Naval. Conquistou também a Comenda de Cavaleiro da Legião de Honra da França.

Ibrahim Sued casou-se duas vezes. Com Glorinha Sued, com quem teve dois filhos: Isabel Cristina e Eduardo. Com Simone Rodrigues, o casamento durou 15 anos. Em 1992, reconheceu a paternidade de Guilherme, seu filho com Márcia Lebelson. Seus três netos: Rafael de Sued Ramos, Bernardo de Sued Ramos e Alberto de Sued Ramos, são filhos de Isabel, atualmente casada com o francês François Perrin.

Faleceu em 1995, aos 72 anos, em seu apartamento em Ipanema, no Rio de Janeiro, vítima de um infarto agudo do miocárdio e edema pulmonar. O corpo do jornalista foi velado no Salão Nobre da Assembleia Legislativa e enterrado no cemitério São João Batista. Em 2003, recebeu uma homenagem da cidade do Rio de Janeiro. Uma estátua do jornalista foi colocada em frente ao Hotel Copacabana Palace, onde ele gostava de passar as tardes, despachando e apurando informações à beira da piscina. De leve. ■



Samba e amor: O colunista virou enredo da Acadêmicos de Santa Cruz, no carnaval carioca de 1985. (acima) Ibrahim Sued e Gloria Drummond, um longo romance com direito a casamento e dois filhos



LIVROS ESCRITOS POR IBRAHIM SUED

- “000 CONTRA MOSCOU” - Editora Bloch, em 1965
- “VINTE ANOS DE CAVIAR” - Editora Bloch, em 1972
- “O SEGREDO DO MEU SU...SUCESSO” - Editora Record, em 1976
- “APRENDA A RECEBER” - Editora Record, em 1977
- “IBRAHIM SUED: NOVA ETIQUETA” - Editora Top, em 1978
- “TRINTA ANOS DE REPORTAGEM” - Editora Nova Fronteira, em 1983
- “VIDA, SEXO, ETIQUETA E CULINÁRIA” - Editora Nova Fronteira, em 1986

EXPRESSÕES CRIADAS E CONSAGRADAS POR IBRAHIM SUED

ADEMÃ, QUE EU VOU EM FRENTE

Saudação final (nos programas de Ibrahim Sued para a TV)

BOLA BRANCA

Exclamação de agrado

BOLA PRETA

Exclamação de desagrado

BOMBA! BOMBA! BOMBA!

Anúncio de furo de reportagem

BONECAS E DESLUMBRADAS

As mulheres lindas, bem-nascidas, e as novas ricas

BUZUNTA

Pessoa cretina ou panaca

CAVALO NÃO DESCE ESCADA

Aviso para tomar cuidado

CHUMBÃO

Pai do Chumbeta

CHUMBETA

Tio do Buzunta

DAMA DE PRETO

Mulher antipática

DE LEVE

Ir com calma

DEPOIS EU CONTO

Suspense que indicava sequência da notícia

DOMINGO, DIA DE PERNAS DE FORA

Dia para estar à vontade

ELA PASSOU E DEU AQUELE ALÔ

Mulher linda e simpática, que Ibrahim Sued preservava a identidade.

EM SOCIEDADE TUDO SE SABE

Estar por dentro

FIO ESPECIAL

Fonte de informação confidencial

GELADEIRA (FICAR NA)

Pessoa não citada por Ibrahim Sued

GIGI EU CHEGO LÁ

Exclamação de otimismo

KAR

Elegante

LOCOMOTIVA

Líder de um grupo ou acontecimento

MELÂNIA

Comunista disfarçado “verde por fora e vermelho por dentro”

NÃO ME MANDEM CANETAS!

Protesto contra a censura

NI

Abreviação de “Notória Importância”

NIVER

Aniversário

PADRE DE PASSEATA

Padre envolvido com política

PÉ NO JATO

O mesmo que “bola pra frente”

PANTERA

Mulher linda

PÃO COM COCADA (GERAÇÃO)

Juventude dourada. A expressão cocada se deve ao bronzeado das meninas; pão era como as garotas chamavam os rapazes bonitos.

PERIFERIA

Os não colunáveis

REBU

Confusão, rebuliço

SÁBADO, DIA DE SAIAS CURTAS

Dia de roupas informais.

SHANGAI

Cafona, coisa de mau gosto.

SORRY, PERIFERIA

Confirmação de furo. Expressão usada para chatear concorrentes e inimigos.

SU (UM)

Sucesso



Cozinha Libanesa & Vegetariana

O **Basha** é um restaurante onde se encontra o espírito acolhedor do povo libanês em Copacabana, Rio de Janeiro. O **Basha** tem pratos de sabores marcantes, onde se pode sentir todo o capricho dos detalhes utilizados no preparo. Produtos de alta qualidade e conhecimento das autênticas receitas libanesas.



O **Basha** é um restaurante libanês com alma carioca, preços convidativos e o atendimento é rápido e simpático. Tudo preparado com muito carinho para você e sua família pelo chef libanês **Nicolas Habre**.



Atendemos com excelência a todos os tipos de eventos e Delivery.

Almoço, jantar, aberto até tarde.

(21) 2244-5868

contato@restaurantebasha.com.br

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 198
Copacabana, Rio de Janeiro - RJ, 22020-001

EU SOU O BRASILEIRO

que trabalha
e realiza.



Saiba mais

Marcelo da Paz

Padeiro e proprietário da Padaria Caliel

Todos os dias, o Brasil acorda, se levanta e sai de casa para trabalhar. O Brasil dos nossos empreendedores, que decidiram construir a sua própria história com seus micros e pequenos negócios. São eles que movimentam o nosso país. Eles são o Brasil. Eles são a alma do Brasil. E nós? Nós somos a força do empreendedor brasileiro, a força com que eles contam todos os dias há 50 anos. **Somos o Sebrae que o Brasil precisa. O Sebrae que o Brasil contou ontem, conta hoje e vai contar amanhã.**

Sebrae 50 anos
50+50
Criar o futuro é fazer história



A força do empreendedor brasileiro.

86

milhões de brasileiros beneficiados pelo setor (40% da população)

54%

dos empregos com carteira assinada

78%

dos empregos formais criados em 2021

30%

de todas as riquezas produzidas no país (PIB).

SOLIDARIEDADE

LUZ PARA O FUTURO

Rotary promove projeto de auxílio para a crise que
agora coloca em risco a educação no Líbano



Dom Damaskinos Mansour, a embaixadora Carla Jazar, Osmar Chohfi, o presidente da CCAB, Nahid Chicani, e o cônsul-geral Rudy el-Azzi



Dirigentes do Rotary Internacional: Antônio Hallage, Renato Figueiredo, Samir Nakhle Khoury, Nahid Chicani, Paulo Eduardo Fonseca, Watson Travassos e Joaquim Flávio



Antônio Hallage e dom Damaskinos Mansour

Mais um capítulo da atual crise política e socioeconômica do Líbano sensibiliza e mobiliza a comunidade libanesa no Brasil. Visando amenizar a situação precária enfrentada pelas escolas do país - impedidas de funcionar normalmente devido à falta de energia elétrica - começa a ser articulado projeto “Luz Para o Futuro” que visa a instalação de painéis solares nesses estabelecimentos. A iniciativa foi apresentada durante reunião realizada na Câmara de Comércio Árabe-Brasileira no dia 27 de outubro.

Na ocasião, estiveram presentes a embaixadora do Líbano, Carla Jazar, o cônsul-geral do Líbano, Rudy el-Azzi, Osmar Chohfi (presidente da CCAB), George Azar (diretor do Rotary International), o arcebispo dom Damaskinos Mansour (da Igreja Ortodoxa de São Paulo), o empresário João Carlos Saad (Grupo Bandeirantes de Comunicação), o cônsul honorário da Jordânia, Mustaphá Abdouni, e o publisher Fouad Naime (Carta do Líbano), entre outros.

Antonio Hallage, do Rotary Internacional, destacou a importância de uma efetiva contribuição ao país através de doações em



Silvia Antibas, William Atui, Mohamed Mourad e Claudia Yazigi Haddad



Robert Nemer, Carla Jazar e Assad Frangieh

FOTOS: EMBAIXADA DO LÍBANO

reais por parte não apenas dos rotarianos, mas também de membros da comunidade. Informou também que as contribuições através dos Distritos Rotários poderão ter o valor doado acrescido de mais 80%, que será equiparado com verba da Fundação Rotária.

O rotariano Jamil Mouawad expôs a configuração de um projeto para equipar 100 escolas, que no momento recebem apenas 1 hora diária de energia. A partir disso outras 10 escolas seriam beneficiadas, em diversas localidades libanesas, através de um Subsídio Global do Rotary, no valor total aproximado de US \$150.000. Enquanto isso, o valor de partida de contribuições dos distritos rotarianos soma US \$106.200. ■



Angelica Torquette Rovedo,
Nahid Chicani e Alessandra Frisso



O cônsul honorário da Jordânia,
Mustaphá Abdouni, e Antônio Hallage



Antônio Hallage, Assad Frangieh,
João Carlos Saad e Robert Nemer

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido
conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/





João Carlos Saad, presidente do Grupo Bandeirantes de Comunicação, e o prêmio para o presidente do Sebrae, Carlos Melles

HOMENAGEM

SEBRAE É DESTAQUE NO PRÊMIO BANDNEWS

Carlos Melles, presidente da entidade, é o Homenageado do Ano no evento do Grupo Bandeirantes de Comunicação dedicado às marcas mais admiradas do País

FOTOS: ASN NACIONAL



Casa cheia para a cerimônia do Prêmio BandNews

Durante a entrega do Prêmio BandNews - Marcas Mais Admiradas do Brasil, iniciativa do Grupo Bandeirantes de Comunicação, no último dia 17 de novembro, em São Paulo, o presidente do Sebrae, Carlos Melles, foi o 'Homenageado do Ano'. "Fiquei muito feliz com essa homenagem, pelo Sebrae ser reconhecido como um grande parceiro da Band por meio do Canal Empreender", disse Melles ao presidente do Grupo, João Carlos Saad, que lhe entregou a placa simbólica.

Na ocasião, Melles entregou o troféu de Marca Mais Admirada, na categoria 'Finanças e Fintech', para o Banco do Brasil. "É uma honra receber essa premiação, ainda mais das mãos do presidente do Sebrae. O Banco do Brasil está muito voltado para o microempreendedor, fizemos um trabalho em conjunto com o Sebrae, o Painel PJ, justamente para levar conhecimento, soluções e apoio a quem decide empreender no país. Queremos que o Banco seja relevante na gestão financeira dos pequenos negócios", declarou Paula Sayão, diretora de Marketing do BB.



Carlos Melles e Alfredo Cotait



Carlos Melles e a diretora de Marketing do Banco do Brasil, Paula Sayão



João Carlos Saad,
presidente do Grupo
Bandeirantes
de Comunicação

O prêmio é resultado de uma pesquisa de posicionamento competitivo das marcas mais admiradas no Brasil realizada pela Atlas Intel - entre junho e julho de 2022 - com auditoria do Instituto Águila. A partir dela foi definido um ranking das marcas mais bem posicionadas em 27 setores da economia, além do prêmio Top Of Mind e da categoria Voto Popular - escolha feita através do site www.band.com.br. O levantamento teve metodologia transparente e amostra representativa da população nacional. Foram mais de 3 mil entrevistados, com margem de erro de 2% para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%.

Os entrevistados responderam um conjunto de perguntas sobre diversas dimensões de desempenho, identificando as marcas com maior familiaridade, importância de valor na vida das pessoas, nível de responsabilidade ambiental, social e entusiasmo para recomendação a familiares, amigos ou colegas. "Toda distinção, todo reconhecimento são de uma valia muito grande. Toca nos dirigentes, toca na empresa e toca, sobretudo, nos seus consumidores. A Band faz isso muito bem: coisas simples com um valor muito grande", concluiu Melles. ■

O prêmio é resultado de uma pesquisa de posicionamento competitivo das marcas mais admiradas no Brasil

CONFIRA OS VENCEDORES NAS RESPECTIVAS CATEGORIAS:

MEIO DE PAGAMENTO: PIX (Banco Central)

SUSTENTABILIDADE: Whirlpool

INDÚSTRIA E COMMODITIES: Gerdau

ENERGIA: Ipiranga

AVIAÇÃO: Gol e Azul

AUTO: Volkswagen

ALIMENTOS: Nestlé

AGRONEGÓCIOS: Cargill

TELEFONIA: Vivo

PLATAFORMA DE ALIMENTOS:

Mercado Livre

MODA: Havaianas

VIAGENS: 123 Milhas

VAREJO, SUPERMERCADOS E E-COMMERCE: Atacadão

FARMÁCIAS: Drogasil

FAST FOOD: Burger King

FINANÇAS E FINTECH: Banco do Brasil

CERVEJAS: Brahma

TECNOLOGIA: Samsung

BELEZA E CUIDADOS PESSOAIS: Colgate

REFRIGERANTES: Coca-Cola

ENTRETENIMENTO DIGITAL: YouTube

ELETRODOMÉSTICOS: Electrolux

MOBILIDADE E ENTREGA: Uber

MEDICAMENTOS E BIOTECNOLOGIA: Pfizer

REDES HOSPITALARES E PLANOS DE SAÚDE: DASA

TOP OF MIND E PLATAFORMA DE COMUNICAÇÃO: Whatsapp

VOTO POPULAR: Coca-Cola

O ESPAÇO IDEAL PARA INSTALAR SUA EMPRESA OU ARMAZENAR SEUS PRODUTOS.



CENTERBRÁS-AG



SALAS COMERCIAIS MODULARES E ESPAÇOS PARA LOJAS E DEPÓSITOS DE DIFERENTES DIMENSÕES.

No CenterBrás-AG você encontra diversos tipos de serviços úteis para o dia a dia das empresas e de seus profissionais como Restaurantes, Correios, Agências Bancárias, Caixas Eletrônicos, Agências de Viagem e uma infraestrutura completa para a instalação de sua empresa. O estacionamento possui uma capacidade rotativa para cerca de mil carros.

>>> WWW.CENTERBRAS.COM.BR • (11) 3322-7000

RIAD GATTAZ CURY

O BOM HUMOR ERA SUA MARCA REGISTRADA

O doutor Riad fez fama tanto pela excelência profissional, como pela maneira leve e positiva de encarar a vida. Poucos meses depois de sua morte, família e amigos celebram seu legado generoso e inspirador

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

O doutor Riad em 2004,
ao receber a comenda
da Arquidiocese
Ortodoxa Antioquina



Além da intensa atividade profissional, o Riad se engajou e esteve presente em diversas iniciativas sociais e filantrópicas

Com uma carreira bem-sucedida como advogado, Riad Gattaz Cury, o doutor Riad - como era conhecido por todos - era um homem de grande carisma e simpatia cativante. Por onde passou fez amigos e cultivou a admiração de muitos. Sua morte, em 12 de setembro último, aos 87 anos, foi motivo de grande comoção na comunidade libanesa em São Paulo.

Além da intensa atividade profissional a partir da formatura na Escola de Direito no Largo de São Francisco, em 1958, o doutor Riad se engajou e esteve presente em diversas iniciativas sociais e filantrópicas. Foi membro da Comissão de Precatórios da OAB/SP, presidente do Conselho Deliberativo da Câmara de Comércio Brasil-Líbano, presidente do Conselho Administrativo Ortodoxo da Cidade de São Paulo, presidente do Conselho Deliberativo do Rachaia Clube do Brasil e presidente do Conselho Deliberativo do Clube Atlético Monte Líbano.

Aliás, ele era vizinho e apaixonado pelo clube, sendo visto diariamente em suas dependências. Sempre alegre e participativo, apreciava tanto uma boa conversa, como a mesa farta.

Nascido em São Paulo, em 20 de julho de 1935, Riad era filho de Gattaz Cury e Erminda Taleb Cury. O pai veio do Líbano com os irmãos, nos anos 1920. Juntos fundaram a loja Abib Cury & Irmãos, na rua 25 de Março. Mais tarde, Gattaz se estabeleceu no

interior, em Tatuí, e adquiriu seu próprio negócio no ramo têxtil, a Fábrica de Tecidos São Martinho. Sua mãe, Erminda, era argentina, filha de um casal de imigrantes libaneses que se transferiu para São Paulo, estabelecendo-se em São João da Boa Vista. Os jovens se conheceram em São Paulo, foi amor à primeira vista e, segundo a crônica familiar, a festa de casamento durou três dias.

A vida de casados começou em uma casa na rua Manoel da Nóbrega e, na sequência, mudaram-se para a rua dos Ingleses. Lá criaram os três filhos: Riad, nascido em 1935; Ramez, em 1939 e Samir, em 1943.

A infância dos meninos foi muito boa, ainda em uma São Paulo provinciana onde se andava com tranquilidade pelas ruas e as crianças pegavam os bondes para ir à escola. Seguindo a tradição da terra natal, Gattaz e Erminda mantiveram a convivência familiar constante, na companhia dos filhos, parentes e amigos. Em Tatuí, recebiam a todos na casa da fazenda que, inclusive, contava com cavalos e uma piscina, luxo raro na época.

Filho mais velho, Riad cursou o primário no Colégio Carlos Gomes e o secundário no Colégio São Luiz. Desde cedo trabalhou na loja dos tios, na rua 25 de Março, e só se afastou dos negócios da família ao assumir a advocacia, já formado pela Universidade de São Paulo. Em sociedade com os irmãos criou o escritório Cury Advogados Associados, nome tradicional do setor, hoje sob os cuidados de seus sobrinhos, Paulo Rodrigo e Fabio.



As núpcias, em 1969: Os noivos Riad e Dora Helena ladeado pelos irmãos dele, Ramez e Samir com as respectivas esposas, Rita e Clarice. Os pais de Riad, Gattaz e dona Erminda. E os recém-casados, em pose clássica

“O doutor Riad era uma pessoa especial... Um ser humano maravilhoso, amigo do seu amigo, fiel e verdadeiro” – Issa Maalouli

Através de amigos comuns, no Clube Monte Líbano, ele conheceu sua companheira da vida inteira, Dora Helena Malouf Cury, com quem teve três filhas: Anna Helena, casada com Guilherme Haddad; Maria Graziela, casada com Ronaldo Rayes, e Maria Claudia, casada com Marco Antonio Beyruti. Eles lhes deram sete netos: Leonardo, Daniel, Rafael, Maria Luisa, Andre, Gabriel e Helena.

O advogado costumava dizer que a família era a fonte de todas as suas alegrias, aproveitando o maior tempo possível com ela. São memoráveis as temporadas no sítio em Serra Negra e na casa na praia da Baleia. Além de inúmeras viagens, inclusive para o Líbano, uma de suas paixões.

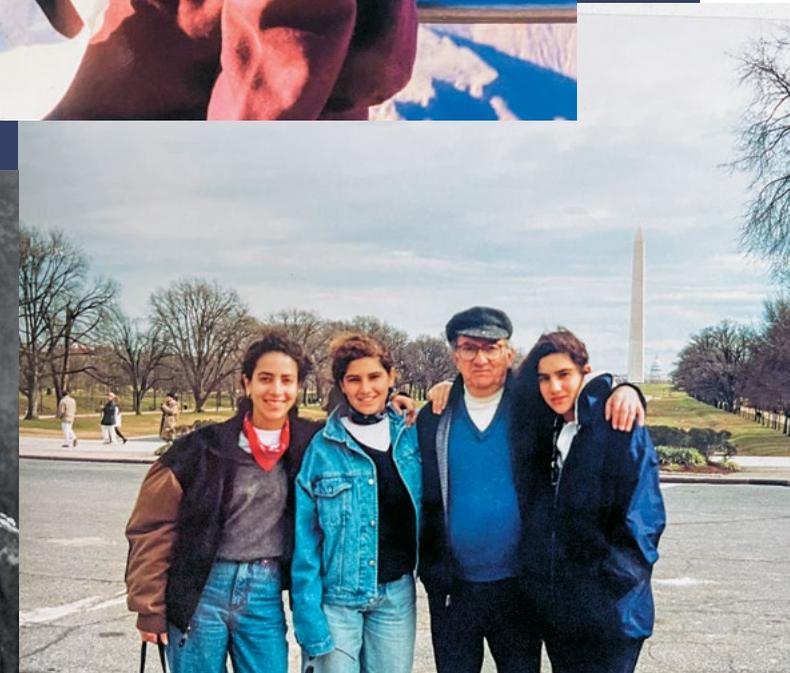
A família, os amigos e colaboradores são unânimes ao apontar Riad como alguém sempre pronto a ajudar e orientar. Seja através de um conselho ou mesmo uma bronca que, por mais severa que fosse, vinha acompanhada de um gesto de carinho ou uma piscadela de cumplicidade. O humor, com certeza, era sua marca registrada, fosse numa roda de amigos para dar boas risadas ou em uma anedota para “quebrar o gelo” durante uma reunião de negócios. O doutor Riad jamais perdia a chance de fazer as pessoas se divertirem e encararem a vida de um modo mais leve, mesmo nos momentos difíceis.

Por isso, sua memória deve prosseguir inspirando e alegrando aqueles que tiveram o privilégio e a graças de estar com ele.



MENSAGEM PARA UM AMIGO DE TODAS AS HORAS

Em depoimento emocionado, o empresário Issa Maalouli lembrou e homenageou o saudoso advogado Riad Gattaz Cury: “Nós somos irmãos. Tantos momentos juntos. Vivemos tantas coisas lado a lado, seja no Rachaia Clube do Brasil, no Monte Líbano ou na Catedral Ortodoxa, a serviço da nossa comunidade. O doutor Riad era uma pessoa especial e jamais será esquecida. Um ser humano maravilhoso, amigo do seu amigo, fiel e verdadeiro. Não é apenas a comunidade que fica mais pobre com sua partida, mas também a vida de todos os que o amavam”.



O casal Gattaz tinha em comum o prazer pelas viagens. Junto das filhas, Anna Helena, Maria Claudia e Maria Graziela, tornaram-se uma família de viajantes. Do álbum de retratos: Riad na infância, ao lado dos pais, Gattaz e Erminda, e do irmão, Ramez

A FAMÍLIA GATTAZ CURY

Um pouco da história de um dos clãs mais tradicionais da comunidade libanesa em São Paulo

As origens dos Gattaz Cury vêm de Kfarkouk, pequena aldeia no sul do Líbano, onde nasceu o patriarca Miguel Cury. Filho de aldeões que cultivavam a terra e criavam animais, ele se casou com Helena e, da união, tiveram cinco filhos que, como muitos libaneses nascidos no início do século 20, fizeram parte da grande diáspora.

O mais velho, Balladie, migrou para os EUA, onde teve quatro filhos: Mike, Jimi, Francis e Rose. Schain também tentou a sorte nos EUA, mas acabou seguindo para o Brasil. Teve um destino trágico, morto durante um assalto em sua loja. Os outros três irmãos também se estabeleceram aqui. Abib foi pai de Halim, Jorge e dos gêmeos Abib e Isabel. Tomé, ou Tuma, teve cinco filhos: Anis, Laila, Suad, Tufic e Munir. E Gattaz, pai de Riad, Ramez e Samir.

A tradição de viajantes eles herdaram do pai Miguel que na juventude começou a viajar para os EUA. Comprava mercadorias e as vendia no Líbano. Em uma dessas travessias transatlânticas, seu navio naufragou na costa do Mediterrâneo, e sua mulher, Helena, se viu obrigada a enviar os filhos Abib e Tomé para realizar as viagens comerciais do marido morto. Os adolescentes deram continuidade ao trabalho em família e passaram a visitar com frequência o jovem país americano que fascinava o resto do mundo.

Por outro acaso da vida, em uma viagem, impedidos de seguir do porto de Gênova para a América do Norte devido à suspeita de uma epidemia, os rapazes embarcaram para a América

do Sul e desembarcaram no porto de Santos. Por aqui encontraram patrícios já bem instalados e adaptados ao País.

De Santos, foram para o interior de São Paulo, na cidade de Pompéia-SP, trabalhando no comércio como mascates. Logo prosperaram e puderam abrir uma loja própria de armarinhos. Enquanto no Líbano, dona Helena ficou sabendo das boas condições dos filhos, mas também que eles andavam “se engraçando” com as moças da cidade naquela terra distante. Ordenou que os dois voltassem para casá-los no Líbano. A manobra deu tão certo que, no dia seguinte do casamento, a família inteira embarcou para o Brasil. Assim, o irmão caçula, Gattaz, chegou aqui em 1923.

Anos depois, o garoto se tornou dono de seu próprio negócio, a Fábrica de Tecidos São Marinho, em Tatuí, no interior de São Paulo. A sede da empresa têxtil, que também exportava seus produtos, existe até hoje. Seu prédio de época, assim como a fazenda que pertencia a família foram tombados pelo patrimônio histórico da região.

O bem-sucedido empresário Gattaz Cury casou-se com Erminda Taleb, filha de Elias Taleb e Maria Iskandar Taleb, e nascida em Diamante, província de Entre Rios, na Argentina. Além dela havia outros cinco irmãos: Jorge, Elias, Alberto, Carlos e Ivone. A família se transferiu para o Brasil, depois que Elias veio para o país, em 1927, e tornou-se comerciante na cidade de São João da Boa Vista, no interior de São Paulo. ■



Outra cena do casamento: com os pais do noivo, a mãe da noiva, Helena, e os irmãos dela, Luiz e Walter. A viagem da família em 2017 foi histórica - doutor Riad, esposa, filhas, genros e sete netos. Ele e Dora Helena em Portugal, 2019

UM HOMEM DE MULTIPLAS HABILIDADES

Morto no em 20 de novembro deste ano, o libanês chegou ao Brasil na década de 50, com apenas 18 dólares no bolso, mas cheio de sonhos e muita garra para vencer. E, em menos de duas décadas, tornou-se um dos mais bem-sucedidos empresários do País

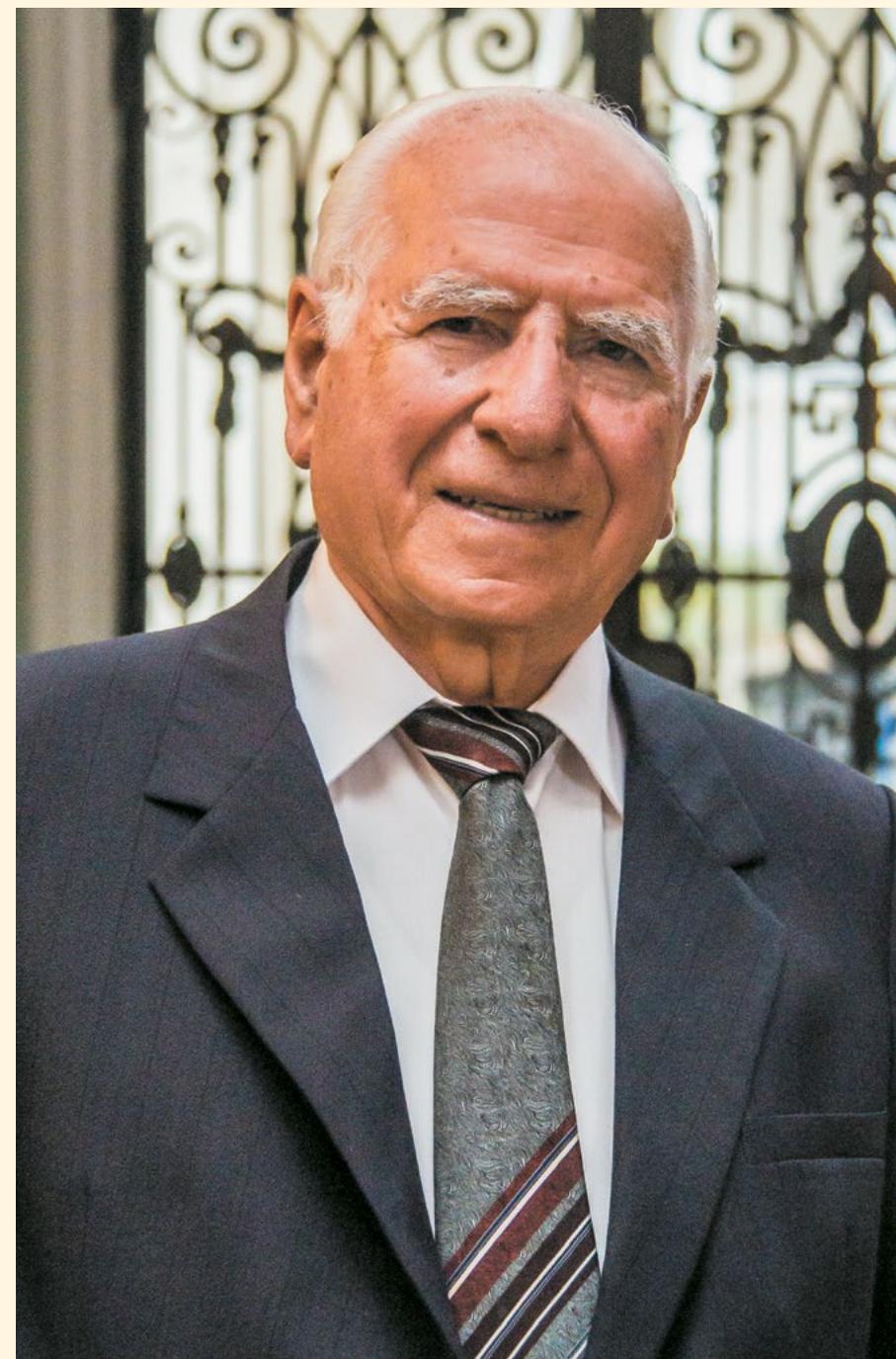
Nascido em Deir Mimas - pequena cidade a 88 quilômetros ao sul de Beirute - Youssef el-Jamal desembarcou no Brasil aos 19 anos. Eram meados da década de 1950 e ele enfrentou 27 dias em um navio a fim de perseguir seus sonhos e ampliar os horizontes em uma terra nova e desconhecida.

Seu pai, Kayed el-Jamal, casou-se duas vezes. Na primeira, com Hanne Adedo, teve quatro filhos - Massoudi, Jorge, Michel e Adibe. Porém - e enviuvou em 1919. Em segundas núpcias, casou-se com Jamile el-Jamal e nasceram outros cinco filhos: Youssef, Adib, Habib, Lourice e Kamel.

As raízes da família el-Jamal vêm da Ásia Menor, do que hoje se chama Turquia. Segundo registros históricos, quatro irmãos atravessaram o país em direção ao sul, no século 15, e se instalaram na Síria, Terra Santa e Líbano, o ramo da família que é o nosso tema.

O libanês Youssef começou a trabalhar aos 13 anos, atuando durante seis anos como eletricitista. Igual a muitos imigrantes, os recursos eram escassos, porém os sonhos e a garra eram abundantes. Assim, com apenas 18 dólares no bolso, chegou ao Brasil e seguiu para a casa do irmão mais velho, Jorge Kayed el-Jamal, em São Paulo, que lhe deu suporte nos primeiros passos. Aprendeu português e pode abrir seu primeiro

FOTOS: ERNESTO EILERS



In memoriam: Youssef el-Jamal, personalidade brilhante e profissional visionário



Youssef el-Jamal e Samira, casamento em Beirute

negócio: uma pequena loja de tecidos, trabalhando com outro irmão, Kamel el-Jamal, dois anos mais novo. O estabelecimento ficava em Assis, no interior paulista, mas não prosperou e os irmãos se mudaram para São Paulo. Em 1º de fevereiro de 1957 instalaram-se na rua Assunção, no bairro do Brás.

Começaram trabalhando com madeira e encontraram certa dificuldade, até a chegada do governo Kubitschek com sua política de renovação do País. Os irmãos aproveitaram a onda, trabalharam duro e obtiveram lucro. Aos 31 anos, Youssef estava financeiramente estabilizado e pôde voltar ao Líbano, a passeio. Em Beirute conheceu Samira, sua esposa e mãe de seus três filhos: Keid, Mona e Omar. Do comércio de madeira, os irmãos fizeram uma bem-sucedida transição para a pecuária, com rebanhos no Pontal do Paranapanema, em São Paulo, e Sertaneja, no Paraná - o maior rebanho do Estado na época.

Na década de 1970, outro importante passo:

Youssef el-Jamal montou a Amaplac S.A. Indústria de Madeiras, em Manaus, com uma equipe de 600 funcionários. Voltada à fabricação de compensados e aglomerados com padrão exportação, a empresa logo passou a concorrer com os grandes nomes do ramo no mercado nacional e internacional.

Para se ter uma ideia da dimensão do negócio, Gaitano Antonaccio, responsável pela constituição jurídica da empresa, conta que o capital da Amaplac superava o da instituição financeira que acolheu seus depósitos na capital amazonense.

Enquanto isso, em São Paulo, os irmãos investiam no setor pecuário em Santa Cruz do Rio Pardo, em uma área de 3.700 hectares. Desfizeram-se da indústria e prosseguiram no comércio com o Center Brás, antigo empreendimento adquirido da família Matarazzo, em 1980, e completamente reformulado.

Uma empreitada que durou até 1995, quando o mais novo, Kamel, faleceu aos 62 anos, encerrando a sociedade que existia desde que Youssef tinha 22

e o irmão 20. Foram um exemplo de trabalho em conjunto que não cedeu às dificuldades iniciais, como a liquidação do pequeno comércio em Assis, a fim de quitar suas dívidas. O que os levou para o ramo da construção civil, onde totalizaram 70 mil metros quadrados edificados.

Com a partida de Youssef, em 20 de novembro último, pode-se observar que as dificuldades realmente nunca deram o tom da jornada vitoriosa dos irmãos. Os novos negócios eram agregados à medida em que surgiam e encarados como desafios a serem superados. “Posso te dar um conselho: persistência na vida. Crise sempre tem. Há dias bons e dias difíceis. O homem precisa conviver e viver. Conviver com a vida contemporânea. Nunca o desânimo tomou conta da gente”, garantiu Youssef em entrevista à Carta do Líbano, em 2017.

“*Posso te dar um conselho: persistência na vida. Crise sempre tem. Há dias bons e dias difíceis. O homem precisa conviver e viver. Conviver com a vida contemporânea. Nunca o desânimo tomou conta da gente*”



A família el-Jamal no Palácio do Cedros, no bairro Ipiranga, São Paulo, em 2017

Embora otimista, a cautela sempre orientava as tomadas de decisões. “Se tinha dez reais, trabalhávamos com oito. Nunca trabalhamos com aventura. Sempre com reserva de imprevisto na frente”. E provisionar é justamente o conselho que ele oferece aos novos empreendedores: dar preferência ao uso de recursos próprios, sempre que possível, com nível de endividamento sempre inferior a 25% do patrimônio. “Primeiro tem que entrar, ganhar experiência na atividade econômica. Sempre cauteloso, porque toda atividade econômica tem tempos difíceis. Se não houver uma reserva, a dificuldade chega e a pessoa se endivida. Sempre trabalhei dentro das nossas possibilidades. No mundo dos negócios, deve-se trabalhar duro no dia a dia”, orientou.

No Brasil, Youssef viveu as cinco grandes crises do país e o provisionamento garantiu solidez para atravessar os piores momentos. “Vou te dar um exemplo. No tempo do Delfim Neto, na década de 1970, o Brasil chegou a 9,5% de crescimento. Isso no tempo das vacas gordas. Depois veio uma crise do início da década de 1980, quando o País chegou a entrar em moratória, em 1982. Então, sempre

“Do Líbano carregava a cultura e a educação da família que, para ele, era a linha condutora da vida. Os bons exemplos, de honestidade, seriedade e dignidade, eram heranças dos pais repassadas às novas gerações”

que vêm dias bons, pode esperar. E quando vem a tempestade, a bonança vem atrás”, afirmava.

Em uma análise dos ramos de atuação em períodos de dificuldade, Youssef considera que o comércio permite melhor elasticidade. “Você flutua. Se vem a crise, você consegue se equilibrar com ela. Já na indústria e na pecuária, não é fácil. Mas enquanto você está no comércio, consegue equilibrar”.

Youssef trabalhou por 73 anos em sete ramos diferentes e não tinha planos de aposentadoria. “Só quando fechar os olhos”, dizia. Mesmo com tantos feitos, ele ainda revelava a vontade de atuar no campo da eletricidade, criando geradores e turbinas para potencializar a produção.

Do Líbano carregava a cultura e a educação da família que, para ele, era a linha condutora da vida. Os bons exemplos, de honestidade, seriedade e dignidade, eram heranças dos pais repassadas às novas gerações. Ao fazer uma análise da vida em seu país de origem, as lembranças eram de um período feliz, mas a busca por oportunidades e a vontade de se unir aos familiares conduziram a decisão de atravessar o oceano e viver no Brasil.

Durante sete décadas radicado no Brasil, Youssef mencionou a constante vontade de visitar o Líbano. “Amo a terra onde eu nasci, mas minha vida agora, minha família toda que nasceu lá, todos os meus irmãos estão enterrados aqui. Minha mãe está enterrada aqui. Então hoje minha pátria é o Brasil”, declarou na entrevista de 2017. Em São Paulo, ele foi comendador do Trono Antioquino e membro do Conselho de Arquidiocese Ortodoxa Antioquina do estado.

Youssef el-Jamal morreu no dia 20 de novembro de 2022, após um período difícil enfrentando problemas de saúde. O velório aconteceu na Catedral Metropolitana Ortodoxa e o enterro, no Cemitério de Araçá, no bairro Sumaré da capital paulista.

Um homem dedicado à família e ao trabalho, muito querido em sociedade e alguém que teve a honra de conviver e conhecer sua integridade e honestidade. Um libanês que honrava suas origens e dedicou a vida para ajudar ao próximo. ■



CLÁSSICO FLORESTA
Poltrona Charles Eames

CLÁSSICO FLORESTA
Mesa oval Saarinen 1.80 X 1.00 MT Nero Maquina



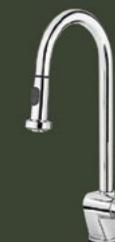
BOSCH
Trena Laser 50 M com Bluetooth GLM 50 C

SAMSUNG
Fechadura digital e biométrica SHP-DP609



MEKAL
Cuba linha reta LR 50/34 handmade escovado 860X400x230MM

DOCOL
Misturador monocomando cozinha Mangiare Tech



BANHO MAIS
Banheira oval BM09

HAFELE
Torre plug-up 4 tomadas e 2-USB com carregador indução branca



OBISPA · GERIS · DECA · BLUM · ROMETAL · STANLEY · LA FONTE · MASUTTI · CRISMÖE · ALTERO · PAPAIZ · IMAB
BOSCH · MEKAL · HAFELE · ITALY LINE · DEWALT · DOCOL ZEN · NEOCOMPONENTE · DS ARTEFATOS · BANHO MAIS

LOJA BRÁS: RUA DO GASÔMETRO, 281 T. 11 2039-0333 LOJA PINHEIROS: RUA PAIS LEME, 238 T. 11 3093-6122

LOJA SANTO ANDRÉ: AV. ARTUR DE QUEIRÓS, 592 T. 11 5555-9940

EMPREENDEDOR HUMANITARIO

No período em que viveu e empreendeu no Amazonas, Youssef el-Jamal impulsionou o progresso da região e deixou um legado pessoal e social

POR GAITANO ANTONACCIO*

Um homem bom, justo e um dos grandes amigos que ganhei em Manaus, quando da criação da Zona Franca, o empresário Youssef Kayed el-Jamal foi um dos pioneiros do Polo Industrial de Manaus, a partir de 1967. Criou-se no Brasil uma área de livre comércio de importação, exportação e fabricação de produtos industrializados, gozando da isenção de impostos de consumo, renda e adicionais. Atraído pelos incentivos, o empresário Youssef el-Jamal aportou na Zona Franca na década de 1980, com a família, vindo de São Paulo.

Fui contratado como advogado e contador responsável pela constituição jurídica da indústria Amaplac S. A. Indústria de Madeiras, que se destinava a fabricar compensados e aglomerados da melhor qualidade, para comercialização nosso mercado interno e externo. Em pouco tempo a empresa passou a ser conhecida no país inteiro, concorrendo com as grandes indústrias do ramo.

Um fato curioso no processo de criação da Amaplac é que o capital autorizado da empresa, no valor de Cz\$1.500.000.000,00 (Hum bilhão e quinhentos milhões de cruzados - moeda corrente no País, em 1987 - era maior do que o capital da

instituição que acolheu o depósito, tal era o perfil do sistema financeiro do Amazonas naquela época. Os bancos mais importantes então eram o Banco do Brasil, Bradesco, Itaú, Real - hoje Santander - e mais uns dois ou três. Esse número chegou de forma acelerada a mais de 100 estabelecimentos bancários, na década de 1990. Começava assim a se desenhar o sucesso do modelo Zona Franca.

Depois de algum tempo, a Amaplac foi negociada

“**Um homem bom, quando da criação da Zona Franca, o empresário Youssef el-Jamal foi um dos pioneiros do Polo Industrial de Manaus, a partir de 1967**”

“**Além de seu grande espírito humanitário, Youssef el-Jamal contribuiu de forma importante para o desenvolvimento e crescimento de Manaus**”



Gaitano Antonaccio

e o grupo do sr. Youssef passou a implantar um empreendimento hoteleiro, o Manaus. Sua família retornou a São Paulo, prosseguindo seus empreendimentos varejistas no bairro do Brás, que consistia em um conglomerado de lojas - uma verdadeira maravilha arquitetônica.

Associado ao empresário paulista Henry Maksoud, o sr. Youssef fundou em Manaus, a empresa Manaus Hotéis e Turismo, na área da Ponta Negra, em outubro de 1987. Sendo a Amaplac sócia do negócio, novamente fui convocado para constituir a parte jurídica em meu escritório de contabilidade e advocacia.

Logo após a criação da Manaus Hotéis e Turismo, surgiram algumas dificuldades devido a pressões do grupo do Tropical Hotel de Manaus, que não concordava em enfrentar um concorrente. Depois de alguns contratempos, Jamal e Maksoud desistiram do negócio.

Youssef Jamal sempre fora um homem probo, consciente de suas obrigações e um cidadão de fino trato. Tornamo-nos amigos e sua ausência de Manaus, ainda hoje, é sentida pelos que conviveram em suas empresas e com sua família

A esposa do sr. Jamal, Samira, contribuiu muito com acentuado trabalho filantrópico, auxiliando creches, abrigos para idosos e outras instituições

de ação social, demonstrando empatia e espírito de solidariedade.

O legado do empreendedor Youssef el-Jamal ficou gravado no cenário amazônico, pois além de seu grande espírito humanitário contribuiu de forma importante para o desenvolvimento e crescimento da região. Desejamos que Deus, em sua infinita bondade, acolha em seus braços esse homem bom. ■

*Gaitano Antonaccio é advogado e escritor

“**Youssef Jamal sempre fora um homem probo, consciente de suas obrigações e um cidadão de fino. Sua ausência de Manaus, ainda hoje, é sentida**”

DETERMINAÇÃO E CORAGEM

A capacidade de encontrar soluções para as situações mais complexas foi o exemplo deixado por Youssef el-Jamal

POR AMÉRICO GENZINI*

Youssef el-Jamal, não está mais entre nós, ultrapassou a barreira da materialidade e caminha por plagas ainda não reveladas ao gênero humano.

Conheci-o e por décadas pudemos gozar de muitas oportunidades em que nos revelávamos mutuamente. Tocou-me profundamente sua circunspeção e o visível poder de resolver as coisas mais intrincadas.

Era um homem sincero e determinado, sabia analisar as situações e encontrar sempre soluções convincentes. Empreendedor nato, demonstrou que a coragem aliada à perseverança pode superar as dificuldades e trazer os resultados que buscamos para satisfação de nossos negócios.

Seu patrimônio que nunca parou de crescer foi adquirido com muito trabalho e desprendimento, ignorava os cuidados que precisava ter consigo mesmo e dedicava-se à consolidação de seus anseios e propósitos. Nunca abriu mão do comando de seus negócios e apesar do fluxo cada vez maior, não se deixava abater pelos desafios que surgiam em cada iniciativa.

Sua conceituação filosófica: “as raízes da vida material se propagam através das sementes que produzem frutos e se reproduzem através dos novos seres que vão brotando e recompondo o círculo de transformações infinitamente”, merece nossa integral reflexão.

Enquanto crescia esse bolo patrimonial, nasciam

seus rebentos sustentados pelo espírito de lutas e sacrifícios que eram seu grande exemplo. Esses filhos se aliaram ao pai e se fortaleceram no complemento de suas realizações, alcançando níveis de maturidade que lhes deram a liderança do mercado em que atuam.

Quando a vida nos proporciona um razoável tempo de duração em que podemos gozar de condições de discernimento, acabamos conhecendo muita gente e nos enriquecemos com o aprendizado espontâneo que acontece no simples contato que mantemos por obra da circunstância de nos relacionarmos uns com os outros.

Entretanto, há pessoas que marcam nossas vidas por se destacarem com atitudes simples e operosas, bravura na aceitação daquilo que não podemos mudar, mas que nem por isso deixamos de lutar com nosso esforço consciente de que devemos fazer sempre o melhor.

Pessoas como nosso irmão que transpôs as fronteiras deste mundo, sempre com muita inteligência e sobretudo serenidade, sem nunca ter feito extravasar qualquer complexo de superioridade em relação aos que o cercavam, serão muito raras a serem encontradas. E, quando isto acontecer, devemos venerá-las porque são verdadeiras relíquias que precisamos contemplar e tirar o máximo de aprendizado para vivermos padrões de decência e respeitabilidade.

Um dia nos reencontraremos!!! ■

*Américo Genzini é advogado

O VALOR DE UMA GRANDE AMIZADE

Por toda a vida Youssef el-Jamal cultivou amigos e os manteve perto de si. Honrou a família e compartilhou com todos seu conhecimento e sabedoria

POR WILLIAM NICOLAU*

Geraldo Com muita honra e emoção, escrevo algumas palavras a respeito do meu grande amigo Youssef el-Jamal, que nos deixou a poucos dias partindo para outra vida.

Conheci Youssef quando chegou ao Brasil nos idos de 1950, ainda jovem, juntamente com seu irmão Kemel, vindos do Líbano de uma pequena aldeia chamada Deir-Mimas. Cheios de sonhos próprios dos descendentes dos fenícios, começaram aqui, como imigrantes, uma nova vida.

Como tudo está escrito conforme o livro “maktub”, seus caminhos foram inicialmente na cidade de Candido Mota, trabalhando como eletricitistas de residências. Pouco depois vão para Assis, época em que eu os conheci.

Acompanhei sua trajetória que exigiu muito trabalho. O passo seguinte de sua vida profissional foi na capital paulista, como comerciante no Brás, com a Empresa Jamal Madeiras e Ferragens. Na época Youssef viajava como caminhoneiro, transportando madeira de diversos lugares do Brasil para São Paulo.

Com o correr dos anos, sempre junto com seu irmão Kemel,

implantou uma indústria pioneira em Manaus, denominada Amaplac, acompanhado de sua dedicada esposa Samira, que sempre esteve ao seu lado.

Além de outros empreendimentos, Youssef tinha um perfil que agregava em sua volta os elementos necessários para o êxito. Era um ser humano de alta sensibilidade, correção, probo e modesto - sua grande virtude. Assim como conselheiro, equilibrado nas palavras, honesto e sempre respeitando a todos.

Deixa um legado baseado nos seus ensinamentos de união e amor à família e aos amigos, especialmente para sua esposa Samira e os filhos Keid, Mona, Omar, netos, netas e noras.

Parabéns à estirpe Youssef el-Jamal, comandada por muitos anos por meu grande amigo e meu conselheiro nas conversas informais que tínhamos.

Que Deus abençoe a todos. Que Youssef tenha a paz merecida e seus ensinamentos perdurem por toda eternidade.

Abraços a Samira e filhos, em meu nome especialmente e de toda minha família (Julieta, Henrique, Rogério, Marcelo, filhos e noras). ■

*William Nicolau é empresário



ARTIGO

PRIMEIRO E ÚNICO

POR JOÃO CARLOS DA SILVA*

Com fleuma, charme e ginga, Ibrahim Sued influenciou a sociedade, a cultura, os costumes e até política nacional. Um soberano que informava o país na página do jornal e recebia em seu trono no Copacabana Palace



Ibrahim Sued foi dessas pessoas infinitamente a frente de seu tempo. O que seria do Rio de Janeiro sem a fleuma do jornalista influente e colunista social respeitado? E do Brasil? Ele influenciou gerações. Pavimentou carreiras profissionais. Corou muitas e muitas notas em suas colunas, com tanta categoria, que mais pareciam um oceano de rara beleza. Foi o mais importante jornalista do seu tempo.

A vida social brasileira circulava em torno da sua coluna. Quem deseja-se o apogeu, tinha que sair em sua coluna. Com um texto qualificado, fez estremecer o high society muitas e muitas vezes. Os políticos frequentavam o Copacabana Palace para estarem defronte o ícone e serem presenteados com uma nota na coluna. Artistas de renome internacional eram frequentes. Muitos ficaram seus amigos. Com generosidade de um bom descendente árabe, Ibrahim construiu sua própria história.

Até hoje é lembrado como o case de sucesso mais importante que o jornalismo impresso produziu. Sair na coluna era mais que um sucesso. Muitos alavancaram suas carreiras através da caneta de Ibrahim.

Foi amigo de presidentes. Frequentou o cotidiano de todos. Suas notas cabiam como marca registrada nos citados. Teve tudo que desejou sem nunca transgredir nem cultivar maldades. Era único. Não tinha concorrentes. Sua genialidade era saudada e reconhecida pela MPB e pelo teatro. Prestigiava o Brasil até mesmo quando viajava ao exterior. Elegante, demonstrava sempre verdades no que falava e escrevia. Noites cariocas eram suas preferidas.

Os paulistanos também faziam parte desse cenário. Ibrahim Sued foi de tudo um pouco de todos. O samba já dizia isso. No Carnaval carioca, Sued era uma figura indispensável. Tinha ginga, swing e refinamento. Passeou pelos mais belos salões da vida brasileira. Fez da alta sociedade um tributo de respeito. Monte Carlo, Paris, Milão...o mundo de Ibrahim era o oxigênio da vida.

Não teremos outro igual. Ibrahim Sued era a cereja do bolo de sua época. Hoje, faz falta. Agregava todos ao seu redor. Fez história. Sem retoques, no seu bloco de anotações. ■

***João Carlos da Silva é articulista e consultor. Foi assessor ministerial na Secretaria do Governo e na Presidência da República**

FOTO: DIVULGAÇÃO



CARMO COURI

Engenharia Ltda

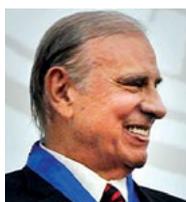
Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000



ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

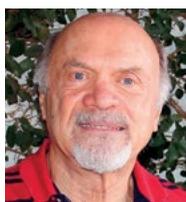
FELIZ ANO NOVO



Raul Marino Jr.



Miguel Reale Jr.



Júlio Medaglia



Betty Milan



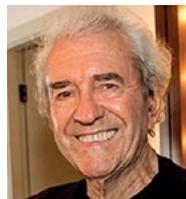
Gabriel Chalita



Luiz Carlos Lisboa



Leandro Karnal



Juca de Oliveira



Marcio Scavone



Rubens Barbosa



Eros Grau



Paulo Nathanael



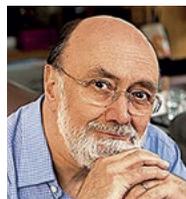
João Carlos Martins



Walcyr Carrasco



José Gregori



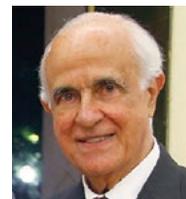
Bolívar Lamounier



João Lara Mesquita



Jorge Caldeira



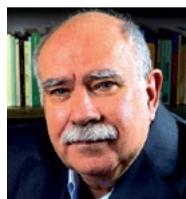
Synésio Sampaio Goes Filho



Michel Temer



Roberto Duailibi



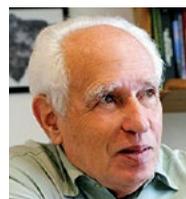
José de Souza Martins



Celso Lafer



Maurício de Sousa



José Goldemberg



José Fernando Mafra



Fábio Lucas



Djamila Ribeiro



José Pastore



Raul Cutait



Ives Gandra



Antonio Pentead Mendonça



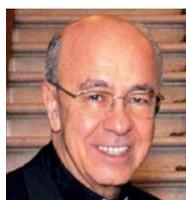
Tom Zé



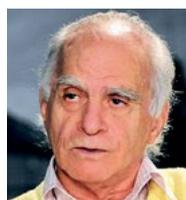
Tércio Sampaio Ferraz



Maria Adelaide Amaral



Dom Fernando Figueiredo



Ignácio de Loyola Brandão



Ruth Rocha



Mary del Priore



José Renato Nalini

DE TODOS NÓS PARA TODOS VOCÊS!